

## 2. COM ERNST JÜNGER NA FLORESTA NEGRA

Porquê Ernst Jünger e não outro romancista nesta série de investigações sobre «centros» e o século xx? Porque se trata neste caso não apenas de uma obra de primacial importância e categoria, obra de romancista e de pensador, mas também de uma experiência pessoal, de uma vida exemplar que completa a obra de uma forma eloquente e assaz fecunda para quem pretende aprofundar os temas da nossa época. Bastará referir que Jünger é o autor de romances como *Nas Escarpas de Mármore*, *Heliopolis* ou *As Abelhas de Cristal*, e de ensaios como *O Operário*, *O Tratado do Rebelde* e também de um *Diário* que podemos classificar como o «diário» do século em que vivemos, pela sua arte reveladora de realidades que escapam a outros escritores menos sensíveis ou menos preparados para enfrentar o seu tempo, para justificar a presença de Jünger nesta selecção. «Tenho a impressão — escreveu Jünger no seu *Diário* de 1943 — que as grandes calamidades que açoitam os povos libertam certas energias espirituais que por ondulações cada vez mais fortes, por vibrações cada vez mais intensas, influem nos seres dotados de uma percepção mais subtil. Em torno das cabeças, como em torno dos campanários durante as tempestades, volteiam bandos de pombas e de gralhas. Legiões do espírito buscam assim um lugar de repouso.»

Esta preciosa metáfora que assemelha o artista a um campanário isolado em torno do qual esvoaçam as aves do espírito em busca de asilo nos períodos de desventura é sumamente autobiográfica. Ernst Jünger é para mim, e foi-o sempre desde que li *Nas Escarpas de Mármore*, o artista representativo, o que dá conta, na sua obra como na sua vida, da história real do seu tempo e que a escreve com o seu próprio sangue desde o mais longínquo das suas raízes.

Para me encontrar com Jünger tive de me transportar de avião a Zurique, alugar depois um carro, transpor a fronteira alemã, atravessar por duas vezes o Danúbio em frente de Siegmaringen (detive o carro em pleno campo, ante a cidade coroada pelo seu castelo, e deixei os meus olhos incrédulos passear amorosamente pela superfície movediça da água).

Aquele era o meu Danúbio, o rio de águas profundas que muito longe dali cinge a cintura meridional da minha terra desde tempos imemoriais, que a junta, a torna consciente da sua essência, que juntamente com os Cárpatos lhe outorga força vital, que a define e a situa no contexto universal. Havia mais de vinte anos que o meu destino me vedara contemplar aquelas águas. Era já tarde, mas não lograva apartar-me delas e prosseguir a minha viagem. Repetia lentamente, silábicamente: «o Da-nú-bi-o!» e simultaneamente «via-o!»

Fui finalmente forçado a penetrar na Floresta Negra, ou seja, como nos contos, de franquear árduos obstáculos a fim de merecer e alcançar a desejada meta. Às cinco da tarde encontrava-me em Vilflingen, em frente da porta da moradia de Jünger. Antiga residência do prefeito da casa dos condes de Stauffenberg, esta, no centro da povoação e em frente do castelo, é só por si uma perfeita ilustração, uma maneira de penetrar subtilmente na biografia de Jünger e também em alguns dos seus romances. Foi o conde de Stauffenberg quem dirigiu a conjura contra Hitler em 1944 e fez deflagrar no quartel-general do Führer uma bomba que causou grandes estragos, mas sem lograr atingir o seu verdadeiro objectivo. O conde de Stauffenberg foi executado, e muita gente implicada no atentado pereceu com ele. Ernst Jünger tomou parte na conjura e salvou-se por milagre das suas funestas consequências. Contudo, da sua residência em Paris, onde no decurso da guerra desempenhou as funções de oficial de ligação, fora transferido disciplinarmente para o Cáucaso. O militar desempenha um importante papel na vida do escritor, que por duas vezes se exercitou na guerra. Ainda menor, abandonou a pátria e inscreveu-se na Legião Estrangeira Francesa. Ao estalar a Primeira Guerra Mundial alistou-se como voluntário, participou em grandes batalhas na terra de França, foi ferido e condecorado várias vezes. Nos anos difíceis do pós-guerra, juntamente com Ernst von Salomon, Ernst Niekisch, Moelee van der Bruck e outros intelectuais alemães, militou em movimentos políticos em cujas polémicas e lutas se enfrentaram as esquerdas marxistas e as direitas socializantes de então. Daquela época dos «tempos revoltos», época que coincide com ferinas humilhações políticas mas também com as maiores realizações de tipo científico (em Gotinga trabalhavam naquela altura Heisenberg, Planck, Pauli, Jordan) ou artístico e literário (Gerard Hauptmann, Thomas Mann, os derradeiros anos de Rilke e de Kafka, de Musil e de Broch, a pintura expressionista e o cinema, a música de Richard Strauss, o esplendor de Spengler e de Keyserling, de Husserl e de Heidegger) daquela época, repito, é *Der Arbeiter (O Operário)*, publicado em 1932, como síntese da guerra e dos anos que se lhe